

NEOLOGIA E TERMINOCRIATIVIDADE EM TRADUÇÃO TÉCNICA NA LÍNGUA PORTUGUESA

Luís Cavaco-Cruz

RESUMO: A tradução técnica, enquanto ator primordial nas sociedades altamente especializadas, faz recurso constante da ciência terminológica, especialmente através de processos neológicos e terminocriativos. No entanto, a neologia e a terminologia têm-se mantido enraizados no hermetismo académico, que poucas orientações providencia àqueles que mais delas precisam, nomeadamente os tradutores, os técnicos e engenheiros, e todos aqueles que quotidianamente necessitam de criar termos novos oriundos dos avanços conceptuais produzidos pela inovação tecnológica e industrial. Assim, este artigo apresentará não só noções fundamentais acerca de terminologia, mas falará também da prática terminológica, do trabalho do terminólogo, e respetivos procedimentos metodológicos. Abordados serão ainda a extração e pesquisa terminológica, o controlo de qualidade dos resultados e as estratégias relativas aos procedimentos neológicos e terminocriativos. O artigo procurará apontar alguns caminhos e formular questões pertinentes que procurem dar resposta às necessidades contemporâneas da sociedade da informação.

PALAVRAS-CHAVE: neologia, terminocriatividade e tradução técnica.

ABSTRACT: Technical translation, while a primary actor in highly specialized societies, constantly makes resource of terminological science, especially through neological and terminological creativity processes. However, neology and terminology have remained rooted in hermetic academicism that few guidelines provides to those who need them most: Translators, technical personnel and engineers, and all of those who need to creating new terms on a daily basis, terms which are a consequence from the conceptual advances produced by technological and industrial innovation. Thus, this article will present not only fundamental concepts about terminology, as it will also speak of terminological practice, and of the terminologist work, and relevant terminology methodological procedures. It will also be addressed terminological extraction and

research, quality control of the results and strategies relating to neological and terminological creativity procedures. The article will point out a few pathways and formulate relevant questions that seek to respond to contemporary needs of the information society.

KEYWORDS:: neology; creativity, terminology; technical translation

1. Introdução

A tradução técnica, como qualquer outra profissão de profunda independência, intelectualidade, rigor e seriedade, é uma atividade altamente especializada e como tal deve ser encarada por todos os intervenientes neste processo.

Esta atividade requer do linguista profissional, enquanto tradutor técnico, uma grande polivalência de conhecimentos e um leque alargado de competências que são fulcrais à comunicação empresarial, industrial e tecnológica por todo o mundo.

Felizmente, têm ocorrido nas duas últimas décadas grandes mudanças, no plano nacional e internacional, em termos de normas reguladoras da qualidade dos serviços de tradução. Contudo, ao nível da terminologia, o debate académico sobre a teorização neológica e terminológica mantém-se inflamado, deixando, contudo, de fora, os utilizadores finais por excelência do processo neológico: os tradutores, engenheiros e todos aqueles que lidam com a evolução

e desenvolvimento dos processos tecnológicos, industriais e, sobretudo, tradutórios. É especialmente com todos esses em mente e com a sua necessidade de estruturação terminocriativa que aqui discorremos neste artigo.

2. O que é a terminologia?

Podemos descrever sucintamente a terminologia como um vocabulário especializado de palavras, termos e frases que são utilizados numa indústria, organização ou área científica específicos. Uma terminologia pode ser interlíngua (isto é, bilingue ou multilingue) ou intralíngua (como o nome indica, dentro da mesma língua). Contudo, a terminologia é também um conjunto de termos que representa não só um sistema de

conceitos acerca de um assunto ou do-mínio temático específicos, mas representa também a própria ciência que estuda estes ter-mos¹.

A idade moderna, através da sua imensa especialização, por um lado, e dos seus crescentes aspetos interdisciplinares, por outro, gerou problemas crescentes na comunicação, dando, contudo, especial relevância à terminologia para que esta tente resolvê-los. Adicionalmente, a existência de numerosas bases de dados e de sistemas informáticos e multimédia cada vez mais complexos e de vários tipos significa que é imperativa a utilização de boas terminolo-gias se queremos que estas tecnologias funcionem eficientemente.

Os princípios e métodos terminológicos podem, em suma, servir de base a diferentes tipos de atividades, desde a classificação ao ensino e à indexação, bem como a exibição de pontos de vista diferentes em relação aos conteúdos de vários conceitos e às suas inter-relações num qualquer domínio temático.

Primeiramente, a pesquisa terminológica propõe-se identificar os termos que comunicam conhecimentos especializados — ainda que esta “especialização” tenha já transbordado para a vida quotidiana das pessoas. A função principal destes conhecimentos especializados con-siste em transmiti-los eficazmente e autenticá-los através do uso terminológico.

Na verdade, o princípio fundamental da terminologia é a pertinência dos termos relativamen-te às áreas temáticas, estruturadas em sistemas de classificação de conhecimentos especiali-zados. Cada especialidade apresenta um sistema de áreas estruturadas em árvore, as quais devem evidentemente figurar em qualquer acervo terminológico coerente.

Os sistemas de classificação documental, as enciclopédias, os manuais e as bases de dados destinadas a transferir conhecimentos oferecem ao tradutor / terminólogo as balizas necessá-rias para estabelecer ou adotar um sistema de classificação para a área de especialização na qual efetuará a pesquisa terminológica.

Os sistemas de classificação evoluem e refletem os progressos que se têm produzido em cada área de especialização. Esta evolução pode

¹ (Lervad, 1999).

proporcionar o surgimento de novas disciplinas, a migração de conceitos entre disciplinas, ou mesmo o desaparecimento, a fusão ou diferenciação de determinados conceitos e/ou designações.

Outro princípio fundamental na classificação das áreas temáticas é a diferença entre área primária e área de aplicação. Os conceitos de uma especialidade podem ser aplicados a várias disciplinas, sem que isso implique que deixem de pertencer à área primária. Por exemplo, a mecânica de motores aplicada à indústria pesqueira não implica necessariamente que a terminologia da mecânica de motores se altere.

Concomitantemente a isto, um certo “conservadorismo codicológico” tem dado primazia a alguns tipos de documentação em detrimento de outros. Assim, têm-se preferido as obras na língua original às suas traduções, assim como se preferem as enciclopédias e outras obras pedagógicas amplamente reconhecidas ou recomendadas pelos especialistas aos prospectos e folhetos publicitários ou informativos. Dá-se também prioridade às publicações especializadas, em vez das revistas de divulgação. A Internet, por seu lado, oferece um amplo leque de fontes documentais que poderão ser efémeras e de valor discutível, pelo que se deverá ter alguns cuidados de seleção ao utilizar materiais da Web.

Enquanto ciência, a terminologia designa uma disciplina linguística consagrada ao estudo dos conceitos e dos termos utilizados nas “línguas de especialidade” – que não são fáceis de delimitar.

Tradicionalmente – isto é, num mundo não-tecnológico – a “língua comum” seria aquela que utilizamos no dia-a-dia, ao passo que a “língua de especialidade” seria a utilizada para proporcionar uma comunicação “sem ambiguidade” em determinadas áreas do conhecimento ou da prática profissional, com base num vocabulário e em usos linguísticos específicos desse campo.

Contudo, como sabemos, as pessoas utilizam quotidianamente quer uma quer outra (língua comum e de especialidade) ao utilizarem coisas, utensílios, ferramentas, veículos, de forma comum e despreocupada, uma vez que o léxico do quotidiano está impregnado de terminologia técnica. No mundo tecnológico de hoje já não se pode desenlear um do outro, não sem algum esforço.

Impõe-se então que, nos dias de hoje, abordemos o conceito de terminologia no seu todo, para além do domínio do conhecimento que representa, e vejamos as suas implicações práticas ao nível económico, científico e social.

Para que o possamos fazer, teremos de saber o que é e para que serve a terminologia. Começemos por algumas definições.

Segundo Correia², termos são, antes de mais, unidades lexicais que assumem significados específicos quando usadas em discurso especializado, significados esses que lhes permitem denominar conceitos científicos e técnicos.

Convém, contudo, precisar, tal como Contente³, que a unidade terminológica é uma unidade lexical, mas nem todas as unidades lexicais são unidades terminológicas. Para que uma unidade lexical seja considerada uma unidade terminológica é necessário que esta unidade faça parte de um sistema de conceitos.

Este sistema de conceitos, continua a autora⁴, ao citar Rondeau, constitui-se em cinco características fundamentais do termo:

- 1) o termo distingue-se pela sua extensão semântica e define-se sobretudo em relação ao significado, mais do que ao significante;
- 2) a significação do termo define-se relativamente ao conjunto de significações dos termos que pertencem ao mesmo domínio; um termo não pode ser considerado isoladamente, ele está sempre dependente de um conjunto semântico a que pertence, ou de uma disciplina ou de uma ciência;
- 3) um termo corresponde, teoricamente, apenas a um conceito. Esta característica do termo baseia-se num postulado da terminologia, isto é, a relação da univocidade entre denominação e conceito;
- 4) os termos possuem processos próprios de terminogénese, a qual estudaremos no próximo subcapítulo;
- 5) a homonímia não constitui ambiguidade, uma vez que o termo pertence a um grupo semântico específico; deste modo, no plano do discurso, um termo constitui uma relação denominação-noção

² (Correia, 2005:1).

³ (Contente 2008:36).

⁴ (Contente 2008:35-36).

que é atualizada pelo contexto e, no plano lógico, encontra-se numa estrutura hierárquica nocio-nal pertencente a um determinado domínio.

Rondeau, através de Contente, esquematiza bem a definição de termo:

$$T \text{ (termo)} = \frac{D \text{ (denominação)}}{N \text{ (noção)}} = \frac{\text{significante}}{\text{significado}}$$

Ilustração 1: Imagem esquemática da definição de termo, segundo Rondeau. Gráfico do Autor, a partir de Contente (2008)⁵

Por isto, um termo define-se como tal pelo contexto de utilização no discurso especializado, diferenciando-se da unidade lexical homónima, do discurso corrente, através do contexto semântico de especialidade.

Ex.:

- rato – unidade lexical, substantivo masculino; contexto: mundo animal, mamífero roe-dor.
- rato – termo informático, substantivo masculino; contexto: tecnologias da informação, acessório periférico (em Português Europeu, ou PE; em Português Brasileiro, ou PB, de-signa-se por mouse)

Teresa Cabré⁶, por seu lado, apresenta-nos as premissas para a elaboração teórica do conceito do termo, que passamos a sumariar:

- A terminologia é um domínio do conhecimento interdisciplinar, e deve integrar os aspe-tos cognitivos, linguísticos, semióticos e comunicativos das unidades terminológicas.

⁵ (Contente, 2008:36).

⁶ (Contente, 2008:43-44).

- A terminologia tem os termos por objeto e por isso é, unicamente, uma teoria dos termos e não uma teoria da terminologia.
- As unidades que veiculam o conhecimento especializado denominam-se unidades termi-nológicas ou termos. Estas unidades têm um carácter linguístico e surgem no seio de uma língua natural.
- Estas unidades são ao mesmo tempo semelhantes e diferentes das unidades lexicais de uma língua, denominadas ‘palavras’ para a lexicologia. A sua especificidade reside na sua significação e no seu aspeto pragmático.

Consequentemente, a teoria terminológica apresenta, hoje, resumidamente, os seguintes prin-cípios:

- Trata-se de uma teoria que faz o tratamento multidimensional dos termos.
- O objeto termo é uma unidade com três aspetos: semiótico-linguístico, cognitivo e comu-nicativo.
- Os termos são unidades recursivas e dinâmicas que podem mudar de um domínio de es-pecialidade para outro. Tais fenómenos justificam a polissemia, a sinonímia e a homoni-mia.
- As unidades terminológicas têm as mesmas características formais das unidades lexicais.
- As unidades de base encontram-se associadas a um grande número de informações gra-maticais, pragmáticas e enciclopédicas. O valor pragmático está ligado aos traços da sig-nificação.
- O objetivo da teoria dos termos é descrever formal, semântica e funcionalmente as unida-des de valor terminológico sobre um determinado assunto e estabelecer as suas caracte-rísticas.
- A teoria dos termos é essencialmente descritiva, e dá-nos conta das diferenças e seme-lhanças linguísticas, semióticas, cognitivas e comunicativas entre termo e unidade lexical. Da neologia terminológica falaremos no próximo subcapítulo.

Há, contudo, que ter em conta que muitos termos de especialidade – como é o caso das tec-nologias da informação, que é a área tecnológica que mais terminologia produz nos dias de hoje – surgem frequentemente de entre os seus utilizadores, como é o exemplo do verbo inglês “to

google”, que se traduziria como o verbo “googlar” em português. Vejamos a entrada num dicionário online⁷:

google v. [common] To search the Web using the Google search engine, ‘www.google.com’.

Mais curiosa é a etiqueta que o verbete contém, [common], que significa “palavra de ocorrência comum”, e que desafia, de alguma maneira, o senso de delimitação da “comunicação de especialidade”, delimitação que, como afirmado anteriormente, se esbate inversamente ao avanço e popularização da tecnologia.

Resta-nos então perguntarmo-nos: para que serve a terminologia e quais são as suas aplicações práticas?

3. A prática da terminologia

Num mundo analógico, o conceito de “terminologia” era efetivamente muito mais estanque e delimitado, muito mais votado aos ditames dos especialistas e dos linguistas. O Webster's Revised Unabridged Dictionary⁸ (edições de 1913 e 1828) diz-nos que “terminologia” é

- 1.The doctrine of terms; a theory of terms or appellations; a treatise on terms.
- 2.The terms actually used in any business, art, science, or the like; nomenclature; technical terms; as, the terminology of chemistry.
- 3.In natural history, that branch of the science which explains all the terms used in the description of natural objects.

Podemos verificar que as definições de então se aproximam bastante da doutrina atual, ainda que não utilizem a nomenclatura contemporânea em uso na linguística ou nos estudos sobre terminologia, quer ingleses quer portugueses.

⁷ (dictionary.die.net, 2012).

⁸ (Webster's Revised Unabridged Dictionary).

Vejam agora como surge o verbete “terminology” no Computer Desktop Encyclopedia⁹, um dicionário terminológico da era digital:

terminology

The terminology used in the computer and telecommunications field adds tremendous confusion not only for the lay person, but for the technicians themselves. What many do not realize is that terms are made up by anybody and everybody in a nonchalant, casual manner without any regard or understanding of their ultimate ramifications. Programmers come up with error messages that make sense to them at the moment and never give a thought that people actually have to read them when something goes wrong. In addition, marketing people turn everything upside down, naming things based on how high-tech and sexy they sound. And, the worst of all is naming specific technologies with generic words.

Este é um excelente retrato do que se passa na Internet no respeitante ao uso da terminologia, e que evidencia a questão da fragilidade e volatilidade da terminologia na era digital, e da necessidade premente de ordem e de difusão da documentação regulamentar existente que possa estar disponível a todos os interessados.

Exemplos deste caos são as práticas comuns e quotidianas de má gestão terminológica devido à falta de informação junto dos utilizadores e dos criadores de terminologia especializada, ou simplesmente devido a pura ignorância destes relativamente aos mecanismos e estratégias neológicas, geralmente apenas acessíveis no universo universitário.

Creio que é importante salientar que existe a absoluta necessidade de levar os ensinamentos e as técnicas da neologia e da gestão terminológica – ainda que a um nível bastante essencial – para junto daqueles que delas necessitam na sua tarefa quotidiana de nomear coisas novas, tais como

- gestores de produto que necessitam de nomear novos produtos em vernáculo ou fruto de tradução;

⁹ (Answers Corporation, 2012).

- engenheiros e técnicos especializados que investigam e criam novos produtos;
- gestores de empresas e especialistas de marketing que criam e recriam novos conceitos e novos serviços;
- agências de tradução e tradutores freelance a quem falta a formação terminológica específica e que têm a necessidade diária de materiais de referência.

Com efeito, se muita da neologia terminológica existente se apresenta caótica — daí a necessidade da filtragem através dos estudos terminológicos e linguísticos — esta realidade espelha a rapidez com que os termos emergem no tecido social e empresarial dos dias de hoje.

Sabemos, pois, que um termo, ou unidade terminológica, é a etiqueta de um conceito num diagrama conceptual.

Esta unidade terminológica pode ser

- uma palavra,
- um sintagma,
- um símbolo,
- uma fórmula química ou matemática,
- um nome científico em latim,
- um acrónimo,
- uma sigla, ou
- a denominação ou o título oficial de um cargo, organismo ou entidade administrativa.

Um termo ou unidade terminológica numa língua de especialidade distingue-se duma palavra da linguagem comum pela sua relação unívoca com o conceito especializado que designa (a monossemia) e pela estabilidade dessa relação entre a forma e o conteúdo em textos que tratam desse conceito (a lexicalização). Posteriormente, é a frequência de utilização e o ambiente contextual (coocorrência) relativamente fixo, assim como os indicadores tipográficos (itálico, negrito, aspas, etc.) que explicitam a situação do termo.

Os conceitos próprios de uma especialidade são representações mentais que ajudam a estruturar os objetos no mundo real. Esses objetos podem ser

- entidades físicas ou abstratas (p. ex., computador, segurança);
- propriedades (p. ex., portátil, violento);
- relações (p. ex., equivalência, anterioridade, hierarquia); e
- funções ou atividades (p. ex., fricção, processo, resistência dos materiais).

Cada termo que designe um conceito está, numa qualquer língua de especialidade, em relação de monosemia com esse conceito, isto é, cada termo designa unicamente um conceito. Este facto não impede a utilização de homónimos para designar outros conceitos em diferentes áreas temáticas.

A relação monossémica conceito—termo implica o princípio uninocional, segundo o qual o terminólogo deve tratar um único conceito de cada vez, quer em cada ficha terminológica unilingue ou multilingue, quer em cada entrada de um vocabulário especializado. Trata-se exatamente do fenómeno contrário ao princípio polissémico aplicável aos dicionários gerais, nos quais cada entrada lexicográfica é composta por uma série de aceções, cada uma dando notícia de um conceito diferente.

Como vimos através das definições dos especialistas, devem-se respeitar os seguintes princípios ao redigir definições terminológicas:

- previsibilidade: a definição insere o conceito num diagrama conceptual;
- simplicidade: a definição é concisa e clara, e deve ser constituída pelo mínimo de palavras possível;
- enunciado afirmativo: a frase diz o que é o conceito, não o que ele não é;
- ausência de circularidade: a definição não deve remeter para uma outra definição que, por sua vez, remete de volta à primeira;
- inexistência de tautologia: a definição não se deve centrar na repetição do termo, mas deverá ser uma descrição dos traços semânticos do conceito.

Tendo por base estes princípios ao redigir uma definição, o terminólogo deve seleccionar:

- as características distintivas que permitem identificar o conceito – por exemplo, o géne-ro mais próximo e a diferença específica;
- tipo de definição que melhor se adapta ao perfil dos utilizadores, aos quais se destina o produto terminológico, quer respeitando as suas necessidades de comunicação quer res-peitando o seu nível de conhecimentos. Por exemplo, uma definição analítica que menci-ona os traços intrínsecos do conceito (tais como a natureza, o material ou o tema de que trata) pode ser preferível a uma definição descritiva que enuncia os traços extrínsecos (como a função ou modo de operação, origem, destino e referente); pode ser preferível uma definição através da descrição de uma ação que enumera as partes de um objeto a uma definição por paráfrase sinonímica;
- guia de estilos estabelecido para redigir as definições de todas as fichas que pertencem a uma determinada base de dados terminológicos – por exemplo, se as definições devem ou não começar com um artigo definido ou indefinido;
- a palavra inicial com que vai começar o enunciado – por exemplo, o termo que designa o conceito superordenado;
- a fórmula preferida para a categoria de conceitos em questão – por exemplo, a definição dos conceitos de estado poderá começar pela fórmula “Aplica-se a...”, “Condição de...”; a dos conceitos de ação por “Ação de...”, “Arte de...”, “Técnica de...”; enquanto a fór-mula dos conceitos adjetivais pode começar por “Qualifica...”, “De...”, “Relativo a...”, “Diz-se de...”, “Aplica-se a...”.

Note-se que a despeito do ideal declarado de monossemia, a língua de especialidade é consti-tuída por um conjunto de convenções sociais e, por isso, está em constante evolução. Em consequência, as línguas de especialidade apresentam variantes linguísticas, da mesma ma-neira que a língua geral.

Ao redigir uma ficha terminológica ou ao atualizar o conteúdo de uma base de dados termi-nológicos, o terminólogo deve distinguir os sinónimos que designam um conceito em função da sua real utilização. Um termo, por exemplo,

- pode ser uma designação científica ou técnica, ou
- pode pertencer a um vocabulário técnico;
- pode estar registado de forma correta ou incorreta, ou
- pode ser um termo universal, comum, oficial, ou meramente utilizado numa determinada região geográfica;
- pode ser um neologismo consensualmente aprovado ou criticado;
- pode ainda ser um termo pouco utilizado, ou desatualizado, banido, padronizado ou adaptado.

O terminólogo deverá ajudar sempre o utilizador a empregar a terminologia correta através de marcas de utilização, explicando e ilustrando a utilização através de comentários e notas ou exemplos de utilização, e corroborando a informação fornecida pelas referências exatas e creíveis, extraídas das fontes de informação consultadas.

As principais marcas de utilização (variantes de registo) passíveis de serem encontradas em bases de dados terminológicos agrupam-se em cinco categorias:

1. marcas sociolinguísticas – termo de uso corrente, uso técnico ou vocabulário especializado; termo padronizado ou adaptado; exemplo: Polineuropatia Amiloidótica Familiar (termo técnico de patologia médica) ou “doença dos pezinhos” (termo popular).
2. marcas geográficas – termo específico a um país ou região; exemplo: parotidite epidémica (termo técnico de patologia médica); papeira (Portugal e Norte do Brasil); caxumba (Sul do Brasil).¹⁰
3. marcas temporais – termo arcaico, antiquado ou neologismo; forma que se afigura como preferida no processo de variação e de mudança, em que duas formas (X e Y) concorrem durante algum tempo, até que uma se fixe como forma preferida¹¹ – exemplo: macrogâmeta (BIOLOGIA, óvulo dos animais e oosfera dos vegetais) > gâmeta feminino; e microgâmeta (BIOLOGIA, o menor dos gâmetas numa reprodução anisogâmica) > gâmeta masculino.
4. marcas profissionais ou de concorrência – sinónimos preferidos em certas áreas ou por determinadas companhias, por razões de originalidade em face à concorrência comercial;
5. marcas de frequência – termo frequente ou pouco frequente.

¹⁰ (Faultstich).

¹¹ (ibid.).

Na linguagem literária e na linguagem mediática, nas quais predomina a função poética, valoriza-se acima de tudo a novidade do conteúdo e a polissemia da expressão. Por outro lado, as línguas de especialidade respondem à necessidade de partilhar conhecimentos especializados à escala global, caracterizando-se por uma função cognitiva ou referencial que privilegia a monosemia e a uniformidade dos conteúdos e da expressão. Em terminologia, o princípio da uniformidade semântica é primordial relativamente ao da originalidade formal.

Um último elemento diferenciador do termo é o conjunto — muito mais limitado comparativamente ao léxico comum — de estruturas morfológicas e lexicais: a terminologia, bem como a neologia, restringe-se aos itens lexicais e não aos gramaticais: substantivos (simples, derivados ou compostos), verbos, sintagmas nominais, adjetivais ou verbais.

É imprescindível ao terminólogo possuir um bom conhecimento destas estruturas e das regras neológicas, não só para identificar as unidades terminológicas durante a extração terminológica, mas também para criar e propor novos termos ou neologismos de forma a preencher as lacunas existentes na designação de novos conceitos, e garantir a utilização correta e uniforme dos termos atestados.

Nunca será demais salientar que a terminologia existe por causa das empresas e das ciências. Vivemos numa realidade mercantilista e economicista das sociedades, e são os vários setores económicos — aliados cada vez mais à ciência e à educação — que fazem progredir a comunicação ao nível global, e com ela, a criação de terminologias.

O crescimento da globalização e da internacionalização quer ao nível económico quer social são o motor de um tipo de desenvolvimento económico-filosófico que transformou e transforma continuamente as empresas, instituições, e organizações nacionais e regionais, através de novos desafios em que a tradução e a terminologia desempenham papéis fundamentais.

O gigante informático IBM¹² tem um excelente artigo de forma a ajudar os seus clientes no processo de globalização, onde diz o seguinte:

¹² (IBM, 2007).

Early and efficient globalization involvement is the key to success in globally emerging, on demand businesses. The international economy brings investment opportunities for emerging markets [...]. It is critical to fulfill globalization requirements earlier to continuously reduce risks such as late major code changes or schedule delays for iterative and incremental development.

Globalization is not just a matter of translating an English version of a product. In fact, globalization needs to extend into the areas of architecture and requirements gathering. Although late changes are possible in iterative development, the critical globalization architecture issues have to be addressed as early as possible so that overall cost can be saved, software quality to global customers can be assured, and software can be delivered more rapidly and effectively.

Como se lê neste excerto da IBM, a globalização é uma estratégia multifacetada, onde a tradução – e muitas outras atividades pertencentes à localização e à gestão de comunicação e conteúdos, onde se inclui a terminologia – constitui um elemento fundamental desse processo. A IBM tem ainda um sítio Web especialmente dedicado à globalização, chamado IBM Globalization – Globalize your business¹³, cuja consulta seria útil a formandos de tradução.

Em suma, o uso de uma terminologia adequada é o sustentáculo de uma imagem de marca empresarial e proporciona produtos

- fáceis de usar,
- mais fáceis de traduzir e
- mais fáceis de se adaptarem aos mercados globais.

No mundo moderno predominam os conteúdos online e a globalização empresarial, o que faz com que a terminologia específica de uma empresa – isto é, os seus termos técnicos, os seus nomes de marca, as suas marcas registadas, etc. – se torne cada vez mais importante para garantir a consistência empresarial em várias línguas e para comunicar eficazmente com os clientes em todo o mundo.

¹³ (IBM, 2012).

A terminologia é pois um componente fundamental da gestão global de conteúdos e da co-municação eficaz com clientes globais. Uma boa gestão terminológica pode ter muitos benefícios interna e externamente, quer para as empresas, quer para as marcas, quer para os clientes, incluindo:

- **melhor comunicação e melhores conteúdos** – a utilização de uma terminologia aprovada mantém a coerência em todas as comunicações, internas e externas, e elimina erros de conteúdo;
- **rápida colocação no mercado de conteúdos globais** – permitindo uma rápida criação de conteúdos em várias línguas e canais de distribuição para uma resposta rápida a novos mercados;
- **redução dos custos de tradução** – uma terminologia precisa e aprovada reduz o tempo de tradução e de revisão;
- **consistência da marca** – através de uma terminologia consistente em todos os mercados.

Com efeito, é necessário reconhecer a importância da terminologia fora do contexto do processo da tradução. A gestão da terminologia é, na verdade, um elemento intrínseco à gestão do conhecimento, quer interno, quer externo; para além disso, a terminologia está presente em todos os estádios do ciclo de vida da criação de conteúdos.

Se pensarmos na criação de conteúdos como sendo uma “linha de montagem”, as empresas globais podem não fabricar a mesma coisa nem terem um organigrama semelhante, mas partilham algo que é fundamental: cada departamento cria um tipo de conteúdos diferente e concomitante aos conteúdos dos outros departamentos – nos quais se incluem os departamentos de recursos humanos, engenharia e projeto, controlo de qualidade, vendas, marketing, atendimento ao cliente, escrita técnica, etc. Cada um destes departamentos serve-se de um processo semelhante para produzir os respetivos conteúdos:

- **criar** – escrever o conteúdo.
- **armazenar e gerir** – utilizar um sistema de gestão de conteúdos ou outro sistema de armazenamento interno.
- **traduzir / localizar** – preparar as informações para um mercado estrangeiro específico.

- **publicar** – disponibilizar a informação através de uma variedade de pontos de contacto com os recetores / clientes, onde se podem incluir os sítios Web, as redes sociais, o email, o telemóvel e os materiais impressos.

Assim que a informação é criada por um departamento, passa para o departamento seguinte como material de referência, por exemplo:

1. O departamento de desenvolvimento de produtos e projetos disponibiliza vários conteúdos, tais como um documento de especificações de um dado produto, ao departamento de escrita técnica.
2. A partir deste documento, o departamento de escrita técnica cria novos conteúdos, por exemplo, um guia do utilizador.
3. O guia do utilizador é então utilizado pelo departamento de marketing para criar um folheto promocional do produto e assim por diante.

Esta abordagem de "conteúdos em linha de montagem" é utilizada por muitas organizações internacionais, e apesar da sua natureza prática, é a razão pela qual as inconsistências se podem facilmente propagar. Tal deve-se ao facto de não haver apenas um departamento responsável pela produção da informação dentro de cada organização. Basta que haja um erro terminológico num destes departamentos, a montante, para que esse erro se propague facilmente, a jusante, na estrutura da empresa.

É devido a estes problemas organizativos que devem ser implementados sistemas centralizados de atestação terminológica – quer interna, quer externamente à empresa – de forma a tornar coerentes e coesas quaisquer estratégias terminológicas de cada empresa de alcance internacional.

A gestão terminológica implica ter de reunir todos os termos importantes em cada organização e consolidar o conhecimento e a informação que existir dentro de cada uma delas para criar uma compilação ou corpus terminológico.

Os principais intervenientes – tais como criadores de conteúdos, tradutores ou especialistas de marketing – devem-se reunir para decidir acerca da terminologia mais importante para cada empresa. Dever-se-á ter em conta o impacto da terminologia escolhida noutras línguas de

chegada, pelo que o plurilinguismo deverá ser um fator preponderante na escolha terminológica.

Assim que a terminologia esteja identificada, precisará de ser gerida e armazenada centralmente através de uma base de dados terminológicos. Esta situação facilitará o acesso à terminologia e a outros conteúdos por todos os intervenientes criativos e/ou responsáveis departamentais dentro de cada organização, permitindo a partilha do conhecimento e do vocabulário comum da empresa.

A disponibilização desta terminologia aos criadores de conteúdos, tais como escritores técnicos, especialistas, gestores de projeto, tradutores e profissionais de marketing, ajuda a assegurar a coerência da terminologia em todos os conteúdos, e também em várias línguas.

4. O trabalho do terminólogo

De forma a realizar uma investigação contínua e apurada que permita a atualização de quais-quer acervos ou bases de dados terminológicos, o terminólogo deve seguir a evolução do conhecimento numa determinada área de especialização e manter-se atualizado com as novidades que surgem e com as consequências destas no discurso especializado – por exemplo, no que toca à terminologia sincrónica e diacrónica no âmbito do armazenamento de dados informáticos, desde os sistemas internos (disco duro), aos amovíveis (cartão perfurado > disquete > fita magnética > CD ROM / DVD / BluRay > memórias flash), aos externos (discos externos > redes RAID > data centers) ou em nuvem (também chamado de cloud, ou redes virtuais, através da Web).

Os terminólogos que se iniciam na profissão podem obter os conhecimentos necessários numa determinada área de especialização através do estudo exaustivo de documentação especializada existente, da participação em fóruns de debate e redes de especialistas, e através da sua constante atualização acerca dos temas de trabalho. Esta atualização poderá ainda ser feita através da participação em seminários, ateliês, colóquios, conferências e exposições que tratem da sua área de interesse ou especialização.

Os conhecimentos adquiridos ajudarão o terminólogo quando este necessite de identificar a terminologia necessária. Para além disso, estes

conhecimentos são uma ferramenta indispensável ao reconhecimento de novas terminologias, nas quais abundam os neónimos, os quais constituem uma parte significativa do seu trabalho.

Podemos distinguir duas categorias de terminólogos no que toca à forma de exercício da pro-fissão: aqueles que são empregados por conta de outrem, e aqueles que operam enquanto prestadores de serviços independentes (ou freelance). O trabalho freelance está em franca expansão de forma a suprir as novas necessidades de subcontratação (outsourcing) das em-presas e das instituições.

Os terminólogos atuais são, por natureza, exímios utilizadores das tecnologias da informa-ção; demonstram atenção ao detalhe e aplicam-se na realização de pesquisas minuciosas. A sua curiosidade intelectual é dinâmica por natureza e possuem uma aptidão quase ingénita para sintetizar informações.

Devido à sua experiência nas relações profissionais com especialistas, os terminólogos de-sempenham frequentemente um papel consultivo na gestão de projetos das suas áreas de es-pecialização.

O trabalho do terminólogo é variado e implica uma série de atividades importantes. Os ter-minólogos...

- estabelecem os termos específicos de uma área de especialização, definem-nos e traba-lham de forma a encontrar os equivalentes noutra língua, quando se tratam de terminolo-gias multilingues;
- definem os termos, bases de dados terminológicos, glossários e dicionários a utilizar pelas empresas para fins de normalização e padronização;
- trabalham com escritores, investigadores e especialistas e são frequentemente chamados a colaborar com departamentos de controlo de qualidade.

5. Procedimentos metodológicos

Em terminologia, a metodologia de trabalho constitui-se num conjunto de técnicas e de pro-cedimentos adotados para alcançar um objetivo específico tendo em conta o tipo de produto ou de serviço, os recursos

disponíveis, o cumprimento das expectativas do cliente e a entrega do projeto na data estabelecida.

A abordagem metodológica pode ser adaptada durante a realização do trabalho, mas é fundamental defini-la antes de o mesmo ser iniciado.

O terminólogo deve conhecer as melhores e mais fidedignas fontes documentais existentes em cada uma das suas áreas de especialização e avaliá-las por categoria de referência (aqui listadas por ordem alfabética):

- atas de congressos e colóquios;
- bases de dados documentais, terminológicas e linguísticas;
- dicionários;
- enciclopédias;
- folhetos publicitários;
- manuais universitários e técnicos;
- monografias;
- prospectos;
- publicações especializadas e de divulgação;
- sítios da Internet de fornecedores de conteúdos; e
- vocabulários.

Para facilitar a obtenção deste tipo de conhecimento, o terminólogo poderá ter de consultar documentalistas e outros especialistas e participar em fóruns ou grupos de discussão especializados quer pessoalmente, quer através da Internet.

De forma geral, o quadro metodológico das principais etapas do trabalho terminológico deve-rá depender, primeiramente, da identificação e avaliação do material existente.

A base de dados terminológicos já existe?

Neste caso, o terminólogo deve familiarizar-se antecipadamente com as fontes terminológicas utilizadas em cada projeto de forma a efetuar uma avaliação qualitativa, avaliar da sua atualização, e proceder à sua eventual retificação.

As fontes terminológicas podem ser manuais procedimentais ou descritivos, publicações de empresas, ou documentos de ordem legislativa, regulamentar, ou terminológica.

Antes mesmo de efetuar a avaliação, e concomitantemente à leitura da documentação, poder-se-á consultar outros intervenientes previamente envolvidos, tais como

- documentalistas;
- outros terminólogos e lexicógrafos;
- autores e escritores técnicos;
- peritos das áreas de especialização abrangidas; ou
- gestores, clientes e utilizadores da base de dados terminológicos em análise.

É necessário criar uma nova base de dados terminológicos?

Nesta situação, o terminólogo deve preparar um repertório das fontes para a extração de termos, começando pelos documentos oficiais e publicações em circulação – quer na empresa, quer no mercado da área de especialização – bases de dados terminológicos e arquivos existentes, dicionários, obras terminológicas ou bibliografias que tratem da mesma área de especialização.

O repertório deverá então ser informatizado e a inserção de dados deverá ser feita através de etiquetagem (tagging). As etiquetas deverão ser codificadas para que possam ser utilizadas durante a inserção dos dados e ser reconhecidas ou decodificadas pelos clientes / utilizadores durante o acesso à informação.

6. Extração e pesquisa terminológica

6.1. Processamento de fontes documentais

As fontes documentais, de onde se extrairá a terminologia, deverão...

- ser classificadas de acordo com um sistema de codificação válido e consistente relativamente a toda a base de dados terminológicos;

- ser mencionadas no campo reservado às fontes na ficha terminológica, de acordo com as regras de escrita estabelecidas;
- ser utilizadas para atestar as citações ou para se referir às obras consultadas, de acordo com os regulamentos vigentes do direito de autor;
- ser digitalizadas para consulta eletrónica ou estar disponíveis para consulta em formato impresso;
- ser geridas de acordo com os conteúdos terminológicos da área de especialização, da sua utilização linguística e das necessidades dos utilizadores.

O terminólogo, enquanto fornecedor de conteúdos ao cliente, deverá ser responsável pela sua área de especialização e pela gestão da sua secção ou da totalidade da base de dados terminológicos.

6.2. Extração terminológica manual

A recolha manual de termos pressupõe a leitura minuciosa e criteriosa dos documentos selecionados e consequente anotação de comentários, após a consulta a documentalistas e a especialistas de uma área de especialização.

Os resultados servirão para a criação de diagramas conceptuais, através dos quais se produz a nomenclatura dos conceitos a definir. A anotação de comentários consiste na delimitação das unidades terminológicas identificadas durante a leitura e na marcação dos fragmentos de texto que oferecem a informação relevante acerca dos conceitos que serão definidos.

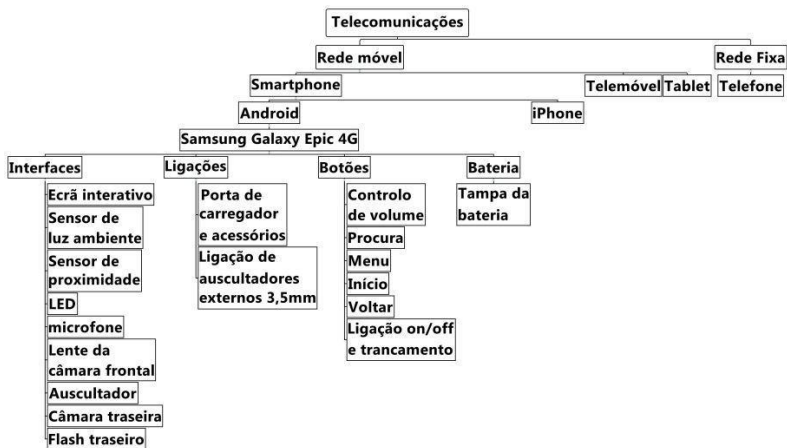


Ilustração 2: Exemplo de um diagrama conceptual. Gráfico do Autor.

Depois do texto ter sido marcado e anotado, transferem-se os termos e os contextos para dos-siers terminológicos uninocionais (isto é, coleções de termos de valor monossémico) que serão utilizados para seleccionar a informação mais pertinente no registo de fichas terminológicas, quer sejam elas em formato eletrónico ou em papel.

6.3. Extração terminológica automatizada

Tendo em consideração o ritmo crescente a que na atualidade se produz informação, as reco-lhas terminológicas em larga escala são cada vez mais necessárias para constituir e atualizar bases de dados terminológicos, o que torna imperiosa a utilização de ferramentas informatizadas.

De forma a documentar os termos, deverão ser efetuados a identificação e o reordenamento da informação pertinente através de ferramentas informatizadas. Uma maneira prática de o fazer consiste em efetuar uma pesquisa dos termos que designam um conceito quer através do acervo documental quer através da Internet.

Tendo por base um determinado tópico de pesquisa, o terminólogo pode utilizar estas ferramen-tas para

- desenvolver pesquisas documentais e realizar leituras preliminares;

- criar corpora textuais nas línguas de partida e de chegada;
- delimitar áreas de especialização a serem pesquisadas;
- estabelecer diagramas conceptuais e consequentes nomenclaturas relacionadas;
- consultar bases de dados terminológicos;
- analisar termos identificados no contexto;
- agrupar sinónimos, variantes e abreviaturas em fichas uninocionais;
- selecionar provas textuais necessárias à descrição de conceitos;
- elaborar definições e observações;
- ilustrar a utilização de termos no discurso especializado com o auxílio de unidades frase-ológicas;
- propor neologismos quando os termos não existirem na língua de chegada;
- informar clientes / utilizadores acerca das terminologias em construção; e
- formatar dados para a preparação de publicações e outros produtos terminológicos, tais como glossários, terminologias, vocabulários, quer empresariais, quer institucionais.

A crescente automação do trabalho terminológico é apenas um dos vários aspetos da modernização da profissão de terminólogo. Outras inovações incluem:

- ligação em rede de bases de dados terminológicos;
- criação de sites Web para o intercâmbio de informações e produtos terminológicos;
- acesso a diretórios terminológicos e a fornecedores de serviços de tradução através da Internet; e
- ação integrada entre setores de investigação terminológica de organismos nacionais e internacionais.

7. Controlo de qualidade dos resultados

Na qualidade de fornecedor de conteúdos numa língua de especialidade, o terminólogo responsável por uma determinada área de especialização deve garantir que os dados que disponibiliza aos clientes ou utilizadores das terminologias sejam coerentes, estejam atualizados e cumpram com as regras neoinmicas, terminológicas e com as normas nacionais e internacionais de controlo de qualidade.

Quer o terminólogo trabalhe sozinho ou em equipa, ou sob a supervisão de um revisor, o terminólogo deve conhecer bem as regras que regem a apresentação dos dados terminológicos com vista à sua difusão ou implementação institucional ou empresarial.

Como foi dito anteriormente, de forma a poder respeitar os critérios de garantia de qualidade – por exemplo, no que toca à norma ISO 704:2009 (Trabalho terminológico – Princípios e métodos) – o terminólogo deverá possuir um excelente domínio de

- sistemas linguísticos e das estruturas das suas línguas de trabalho;
- regras de formação lexical;
- regras gramaticais; e
- particularidades estilísticas dos diferentes registos de língua.

Faz também parte do trabalho do terminólogo a criação das fichas terminológicas, cujo conteúdo se avalia em função de critérios específicos, nomeadamente,

- a presença de uma definição dos conceitos expostos;
- a utilização uniforme dos termos que designam os conceitos;
- a utilização limitada de variantes estilísticas, ortográficas e sintáticas;
- a forma como os termos normalizados são tratados na área de especialização em questão;
- a justificação da utilização ou da criação de novos termos.

8. Neologia e terminocriatividade

Como em todas as indústrias e atividades profissionais especializadas, a terminologia requer uma constante atualização. Os processos terminocriativos têm de acompanhar a rápida evolução tecnológica e operacional do mundo contemporâneo.

Há muitas formas de entendermos os neologismos. Segundo Villalva¹⁴,

¹⁴ (Villalva, 2008:51).

independentemente do momento em que surgem, os neologismos devem ser analisados quanto à sua génese. [...] alguns são palavras inventadas ou criadas, de forma mais ou menos aleatória, a partir de palavras já existentes; outros são palavras introduzidas na língua por empréstimo a outras línguas; e outros ainda são palavras formadas a partir dos recursos morfológicos disponíveis na língua.

Para Correia¹⁵, um neologismo é um item lexical que é sentido como novo pela comunidade linguística [...], [é uma unidade neológica] não registada nos dicionários representativos do estado da língua em questão [...] [e cada uma destas unidades será considerada neológica se,] cumulativamente, apresentar sinais de instabilidade de natureza morfológica, fonética ou ortográfica.

Para além disso, os neologismos podem apresentar três tipos de novidade distintos¹⁶:

- **formal** (a sua forma significante é nova): quando o neologismo apresenta uma forma não atestada no estágio anterior do registo de língua (ex.: derivados e compostos novos, palavras de origem estrangeira);
- **semântica**: quando o neologismo corresponde a uma nova associação significado significante, isto é, uma palavra já existente adquire uma nova aceção;
- **pragmática**: quando a neologia resulta da passagem de uma palavra previamente usada num dado registo para outro registo da mesma língua. A novidade pragmática implica normalmente, novidade semântica.

Porém, para percebermos a terminocriatividade no âmbito dos textos técnicos, temos de perceber claramente que estes existem com o propósito de veicular informação técnica. A informação e a comunicação técnica estão, como vimos, ligadas às várias indústrias e serviços que fazem parte da atividade económica. Entenda-se aqui “atividade económica” como todas as partes integrantes do sistema de regras e regulamentos pelos quais tudo é gerido, incluindo os sistemas de produção, distribuição

¹⁵ (Correia, 1998:62).

¹⁶ (Correia, 1998:63).

e consumo e a gestão dos assuntos internos e domésticos; isto é, a vida quotidiana especializada, tecnológica e profissional das pessoas.

Como também já observámos, o mundo empresarial progride tecnologicamente dia a dia, e dessa progressão nascem novos conceitos e novos produtos e serviços que, logicamente, ne-cessitam de ser nomeados. É dessa necessidade de nomeação que emerge a terminocriatividade, e todas as questões que ela implica, tais como critérios neológicos e atestação terminológica.

Para o estabelecimento de critérios de neologia, existem vários especialistas que procuram definir regras e estratégias neológicas, as quais devemos observar para que possamos inferir dados significativos sobre terminocriatividade.

Os neologismos de cariz terminológico são frequentemente designados por neónimos e a ne-ologia, neste âmbito, por neonímia¹⁷; isto é, o neónimo surge para denominar um novo conceito. A criação lexical, em língua geral, designa-se por neologia, no entanto Dubuc¹⁸ designou de neonímia os processos de neologia lexical especializada¹⁹.

Corroborando Correia, para criar neologismos terminológicos temos disponível a totalidade dos meios de que a língua dispõe para a atualização do seu léxico. Os neologismos terminológicos poderão ser

- concebidos dentro do próprio sistema linguístico; ou
- resultantes da importação de unidades de outras línguas.

Os neologismos construídos dentro do sistema linguístico apresentam as estruturas morfológicas próprias do sistema a que pertencem. Logo, estes neologismos poderão ser

- palavras derivadas;
- palavras compostas por temas ou por sintagmas lexicalizados;
- siglas, acrónimos, amálgamas e abreviaturas;

¹⁷ (Correia, 1998:65).

¹⁸ (Dubuc, 1983:124).

¹⁹ (Contente, 2008:171).

- palavras que adquirem novas significações geralmente resultantes de empréstimos inter-nos²⁰.

| Exemplos de neologia terminológica (neonímia) | |
|---|---|
| Formais: | <i>balancete, cremalheira, manómetro</i> |
| Empréstimos: | <i>call-center, fast-food, spam-mail</i> |
| Compostos sintagmáticos | <i>radiotransmissor de campanha, monitor de sinais vitais, taxa de câmbio</i> |
| Compostos temáticos: | <i>contratempo, ciberespaço, cibernauta</i> |
| Derivados: | <i>pós-curricular, politiquês, digitalizar</i> |
| Amálgamas | <i>Petrobras (Petróleo Brasileiro S.A.) Portucel SA (empresa portuguesa de celulose) nim, portunhol, abensonhada²¹</i> |
| Siglas | <i>PSP (Polícia de Segurança Pública) UGT (União Geral de Trabalhadores)</i> |
| Acrónimos: | <i>SIDA (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) ONU (Organização das Nações Unidas)</i> |
| Abreviaturas | <i>Obs. (observação, observações) Cf. (confira, confronto)</i> |

Tabela: Exemplos de neonímia. Tabela do Autor.

Por palavras de Correia²², um neologismo terminológico, ou neónimo, deve

- denominar um conceito estável, previamente delimitado de forma explícita e clara, com o qual deve manter uma relação de univocidade;
- ser breve e conciso;
- ser construído de acordo com as regras do próprio sistema linguístico;

²⁰ (Correia, 1998:70).

²¹ Abensonhada – origem: Mia Couto.

²² (Correia, 1998:67-68).

- ser transparente;
- poder constituir base de séries de palavras derivadas;
- adaptar-se ao sistema fonológico e ortográfico da língua.

Estas obrigações terminocriativas, que subjazem à constituição de um neologismo terminológico, implicam, segundo Correia, corroborando Cabré, condições sociolinguísticas, pelo que um neologismo terminológico

- deve ser fruto de uma efectiva necessidade denominativa;
- não deve apresentar conotações negativas nem provocar associações in-convenientes;
- deve pertencer a um registo formal de especialidade;
- deve poder ser memorizado com facilidade (o que resultará forçosamente da sua conformidade ao sistema linguístico onde é produzido);
- não deve contradizer as linhas básicas da política linguística previamente estabelecida.²³

Segundo estas autoras, a atividade neológica deve obedecer ainda, linguisticamente, às seguintes condições:

- deve contar com a colaboração de especialistas que orientem as propostas neológicas;
- não deve contradizer as regras patentes nos restantes termos do mesmo domínio ;
- deve assumir que uma forma inaceitável, mesmo que amplamente consolidada pelo uso, pode ser abolida;
- não deve proceder à normalização de um termo sem ter em conta o sistema conceptual e denominativo de que faz parte.

[...] Tão ou mais importante que criar é, por um lado, normalizar os termos, isto é, instituí-los legalmente como os termos a usar no âmbito da comunicação científica ou técnica institucional, e, ainda, divulgar essas normas junto dos seus utilizadores mais directos.²⁴

²³ (ibid.).

²⁴ (ibid.).

Correia²⁵ considera, com Guilbert, a neologia enquanto demonstração da criatividade lexical como sendo de quatro tipos, nomeadamente,

- a) **denominativa**: resultando da necessidade de nomear novas realidades (objectos, conceitos), anteriormente inexistentes;
- b) **criação neológica estilística**: corresponde à procura de uma maior expressividade do discurso, para traduzir ideias não originais de uma maneira nova, ou para exprimir de modo inédito certa visão do mundo.

Estes neologismos existem, primeiramente, apenas ao nível do discurso, sendo geralmente formações efémeras, entrando raramente no sistema da língua, isto é, são unidades que tendem a desaparecer rapidamente. São muito frequentes no discurso humorístico, jornalístico (sobretudo ao nível dos títulos, pelos caracteres original e apelativo que estes devem apresentar), bem como na crónica política;

- c) **neologia da língua**, unidades lexicais do discurso que, por não se distinguirem das restantes unidades lexicais da língua (correspondem à actualização da competência derivacional dos falantes), não despertam qualquer sentimento de novidade. São processadas, na comunicação, quer ao nível da produção, quer ao nível da percepção, como sintagmas, levando em conta as suas partes constituintes, bem como a sua posição relativa. O que faz destas unidades neologismos do facto de não se encontrarem legisladas nos dicionários representativos da língua em questão;

- d) **poder gerador de certos elementos constituintes**: em certas épocas, por factores extralinguísticos, determinados formantes de palavras (já existentes ou novos) «ficam em moda», dando origem a inúmeras unidades lexicais novas. Exemplo: mini- (sobretudo nas décadas de 60 e 70); super- e, actualmente, mega- (cf. megaconcerto, megaprograma, mega-espectáculo, etc.).

²⁵ (Correia, 1998:64-65).

À tradução técnica apenas importa a denominativa, pois esta resulta da necessidade de no-mear novas realidades (objectos, conceitos), anteriormente inexistentes.²⁶

Como Correia acrescenta²⁷,

ao nível das terminologias científicas e técnicas, apenas a neologia denominativa se encontra representada. De facto, os neologismos terminológicos resultam exclusivamente da necessidade de designar novos conceitos, associados a novas teorias, descobertas, produtos ou tecnologias.

Por vezes, estes neologismos denominativos podem ocorrer enquanto sintagmas explicativos como forma de substituição procedimental dos termos importados²⁸, isto é, o neologismo constitui-se na forma sintagmática como forma de explicar o termo de partida, especialmente na ausência de equivalente direto ou na inexistência de conceito contextual.

No entanto, para Contente²⁹, percebemos que a denominação terminocriativa ainda se pode consubstanciar em

- x) *Formação de unidades terminológicas complexas ou sintagma terminológico³⁰, [...] e*
- xx) *Coexistência de termos complexos em duas línguas*
Coexistência paralela de sintagma terminológico inglês e tentativa de implantação do sintagma terminológico em português, coabitando paralelamente, muitas vezes, também uma sigla ou um acrónimo de outra língua³¹.

Estes termos complexos podem ou não ser acompanhados de decalque de siglas por extensão semântica do inglês sem correspondência sintagmática terminológica em português³².

²⁶ (Correia, 1998:65).

²⁷ (Correia, 1998:66).

²⁸ (Correia, 1998:72).

²⁹ (Contente, 2008:166-171).

³⁰ (Contente, 2008:166);

³¹ (Contente, 2008:167);

³² (Contente, 2008:170);

Ainda que possamos concordar com estas premissas, algumas delas levantam-nos de imediato alguns problemas que se prendem com o contexto atual do desenvolvimento tecnológico e da rapidez com que as sociedades criam e renovam novos termos técnicos.

denominar um conceito estável, previamente delimitado de forma explícita e clara, com o qual deve manter uma relação de univocidade³³, não deve contradizer as linhas básicas da política linguística previamente estabelecida³⁴, deve assumir que uma forma inaceitável, mesmo que amplamente consolidada pelo uso, pode ser abolida³⁵, tão ou mais importante que criar é, por um lado, normalizar os termos, isto é, instituí-los legalmente como os termos a usar no âmbito da comunicação científica ou técnica institucional, e, ainda, divulgar essas normas junto dos seus utilizadores mais directos³⁶.

O denominador comum a estes princípios é um único: o da possibilidade dos especialistas em linguagem poderem controlar a criatividade terminológica. Se este intento pode vingar na altruística preocupação de garantir a qualidade terminológica e a pureza linguística do material terminológico, rapidamente choca não só com a rapidez com que os novos conceitos, produtos e serviços são criados na atualidade, decorrente da necessidade premente de os denominar, mas também com os autores que os criam.

Sem esquecermos aquilo que definimos anteriormente, um termo denomina conceitos e rege-se por regras linguísticas. Diferentes ou não das regras lexicográficas, as regras terminológicas baseiam-se em necessidades operativas de denominar algo, as quais subjazem, linguisticamente, aos princípios básicos de criatividade linguística. A este propósito Duarte³⁷ sustenta que

a produtividade ou carácter ilimitado é uma propriedade central da criatividade linguística. Estende-se a todas as áreas

³³ (Correia, 1998:67);

³⁴ (Correia, 1999:68);

³⁵ (ibid.);

³⁶ (ibid.).

³⁷ (Duarte, 2001:114);

gramaticais [...] e está na base da possibilidade, partilhada por todas as línguas, de nomear objectos e conceitos novos e de descrever situações reais ou imaginárias nunca antes vividas ou imaginadas.

Concomitantemente a isto, diz também a autora que há que ter em consideração

[...] a capacidade que os falantes têm de produzir e compreender frases com palavras inventadas, desde que estas estejam integradas nos modelos de flexão e derivação e nos padrões de ordem de palavras característicos da língua³⁸.

Daí que a ideia de conceito estável previamente delimitado de forma explícita e clara por Correia, seja uma proposta que colide de imediato com a rapidez da modernização tecnológica, cuja terminologia necessita de constante e ininterrupta atualização.

De que maneira poderemos considerar “estável” e “delimitada” a denominação de um dispositivo que tenha acabado de ser criado para suprir uma necessidade informática? Como controlar a denominação imediata de produtos que acabam de ser patenteados e que, não obstante se poderem revestir de uma importância tecnológica substancial, não se encontram ainda em produção?

Dever-se-á ter em atenção que certas denominações integradas em patentes, ainda que não sejam marcas comerciais, estão sujeitas a códigos e legislações consideravelmente rígidas, e onde qualquer alteração tem repercussões legais e contratuais.

Esta questão legal engrossa substancialmente quando se trata de um termo patentado e amplamente utilizado por uma comunidade de especialistas, ainda que o termo vá contra as linhas básicas da política linguística previamente estabelecida³⁹ e por ser inaceitável, mesmo que amplamente consolidado pelo uso, [possa] ser abolido⁴⁰.

³⁸ (Duarte, 2001:115).

³⁹ (Correia, 1998:68);

⁴⁰ (ibid.);

A maior parte das empresas e dos técnicos especialistas responsáveis pelo patentear de produtos, serviços e conceitos técnicos desconhece, frequentemente, quais são as “políticas linguísticas previamente estabelecidas” – ainda que estas políticas estejam oficialmente dispostas à população – e procuram recorrer às suas competências linguísticas para efetuarem escolhas denominativas, pois como Duarte⁴¹ sublinha,

o comportamento linguístico humano é essencialmente um comportamento intencional, que envolve tomadas de decisão dos falantes baseadas numa análise mais ou menos elaborada das situações.

Se essas tomadas de decisão estão conforme a política linguística previamente estabelecida⁴², ou com a normalização e as instituições legais⁴³, pensamos que caberia aos decisores dessas políticas e dessas instituições tomarem adiantadamente as devidas medidas, certificando-se antecipadamente de que a informação está amplamente disponível ao público e aos escritores técnicos.

Como bem sabemos, a rapidez alucinante da evolução tecnológica não é compatível com a morosidade das instituições fiscalizadoras e governamentais. Melhor do que um controlo “pós-neológico”, realizado a jusante, seria o advento de uma política de informação, a montante, preventiva e pedagógica, veiculada de forma simples e eficaz, que apetreche os empresários e os gestores, os especialistas e os escritores técnicos com as ferramentas necessárias à eficiente criação de conteúdos técnicos que, conseqüentemente, permitam uma boa comunicação técnica e, naturalmente, boas traduções.

9. Bibliografia

ANSWERS CORPORATION. (2012). Computer Desktop Encyclopedia - . Obtido em 5 de junho de 2012, de answers.com: <http://anse.rs/M4vIBk>

⁴¹ (Duarte, 2001:117);

⁴² (Correia, 1998:68);

⁴³ (ibid.).

CAVACO-CRUZ, L. (2012). Manual Prático e Fundamental de Tradução Técnica. Independência, Mo: Arkonte.

CONTENTE, M. M. (2008). Terminocriatividade, Sinonímia e Equivalência Interlinguística em Medicina. Lisboa: Edições Colibri / Universidade Nova de Lisboa.

CORREIA, M. (1998). Neologia e Terminologia. In c. M. Correia (Ed.), Terminologia: questões teóricas, métodos e projectos/Cursos da Arrábida (pp. 59-74). Mem Martins: Europa-América.

CORREIA, M. (2005). Para uma cooperação entre especialistas do domínio e terminólogos: o caso de dois dicionários náuticos portugueses. In M. D. ILTEC (Ed.), 3ª Conferência Internacional de Terminologia Marítima (pp. 73-80). Lisboa: ILTEC.

CORREIA, M. (s.d.). Os Dicionários Portugueses. [Lisboa]: Caminho.

dictionary.die.net. (1996-2012). Online Dictionary definitions by WordNet, Webster's. Obtido em 8 de junho de 2012, de dictionary.die.net: <http://dictionary.die.net/>

DUARTE, I. (2001). Uso da Língua e Criatividade. Actas do Colóquio A Linguística na Formação de Professores de Português (pp. 107-123). Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto.

DUBUC, R. (1983). Régionalismes québécois usuels. Paris: Conseil international de la langue française

FAULTSTICH, E. (s.d.). Variações terminológicas princípios lingüísticos de análise e método de recolha - Realiter. Obtido em 24 de 09 de 2012, de Direção Terminologia e Indústrias da Língua - União Latina: <http://www.realiter.net/spip.php?article634>

IBM. (15 de outubro de 2007). Effective agile delivery toward globalization. Obtido em 5 de junho de 2012, de ibm.com: <http://ibm.co/L7ZSrU>

IBM. (2012). Globalize your business. Obtido em 5 de junho de 2012, de ibm.com: <http://ibm.co/MtNVMM>

LERVAD, S. (1999). The European Association for Terminology (EAFT): Background, Objectives and Perspectives. *Snow Landsc. Rec.* 74, 2, pp. 263-267.

VILLALVA, A. (2008). *Morfologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta. WEBSTER'S REVISED UNABRIDGED DICTIONARY. (s.d.). terminology. Obtido em 5 de junho de 2012, de Webster's Revised Unabridged Dictionary, The University of Chicago, Department of Romance Languages and Literature: <http://bit.ly/KVQrO1>